

O Boletim de Conjuntura publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos, artigos empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 1 | Nº 1 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3760078>



CORONAVÍRUS E O PAPEL DAS PANDEMIAS NA HISTÓRIA HUMANA

Elói Martins Senhoras¹

Resumo

O presente ensaio analisa o surto internacional do coronavírus, com epicentro difusor na China no ano de 2020, à luz de uma discussão contextualizada pelo papel histórico das pandemias no desenvolvimento involutivo da humanidade, bem como pela construção de agendas de securitização da saúde pública.

Palavras-chave: Coronavírus; Epidemia; Pandemia.

A evolução humana no planeta Terra tem sido marcada por diferentes ondas com impacto revolucionário diferenciado positivo ou negativo no seu desenvolvimento desde minissistemas descentralizados até a conformação de formas centralizadas de agrupamentos socio-político-econômicos compostas por sistemas civilizacionais, imperiais, e, mais tardiamente de Estados Nacionais.

O cruzamento assincrônico das diferentes ondas revolucionárias impactaram os modos de vida e organização político-econômico das distintas sociedades, repercutindo assim em trajetórias com formações históricas específicas, tensionadas por dinâmicas polarizadas no espaço e no tempo por tendências estruturais contrastantes, tanto, de evolução, quanto, de involução.

Por um lado, as ondas positivas, de desenvolvimento evolutivo, são identificadas pela expansão populacional da humanidade em três momentos, caracterizados pelo surgimento da revolução agrícola (1ª onda), permitindo ao homem deixar de ser nômade, pela revolução industrial (2ª onda), a qual ampliou os sistemas de produção e consumo em massa, e, pela revolução informacional (3ª onda), o que tem repercutido na conformação de uma dinâmica pós-moderna fundamentada em dinâmicas cada vez mais fluidas (TOFLER, 1981).

Por outro lado, as ondas negativas, de desenvolvimento involutivo, são marcadas por momentos de forte contração na dinâmica biogeográfica humana, identificadas, tanto, por ondas bélicas, nas quais os contextos de warfare, com guerras inter-estatais ou intra-estatais entre diferentes grupos humanos geraram impactos catastróficos nas dinâmicas socio-político-econômicas, em especial das sociedades pequena escala (MACE, 2000), quanto, por ondas de pragas e outras epidemias letais com fortes consequências no colapso demográfico (ALFANI; MURPHY, 2017).

¹ Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Economista e cientista político, especialista, mestre, doutor e pós-doutor. E-mail para contato: eloisenhoras@gmail.com. Outros trabalhos do autor podem ser encontrados em www.eloisenhoras.com



Tomando como referência o papel das pandemias na história humana é possível identificar um componente negativamente inflexível na dinâmica demográfica a partir de uma clara periodização de eventos com amplas repercussões epidemiológicas transfronteiriças que remonta os primórdios dos primeiros grupos humanos e que vem até os dias atuais e com correspondente construção de agendas políticas de securitização da saúde.

Em primeiro lugar, observa-se que as pandemias mais notáveis e com amplas repercussões espaço-temporais na demografia humana são identificadas por uma periodização de eventos destacadas principalmente na literatura ocidental, embora sem precisão estatística, partindo do século VI com a conhecida “Praga de Justiniano”, passando pelo século XIV com a “Peste Negra”, até se chegar no século XX com a “Gripe Espanhola”.

Em segundo lugar, a agenda de securitização da saúde pública compartilha ao longo dos tempos uma concepção conservadora de limitação à mobilidade de doentes durante os surtos pandêmicos, desde estratégias primordiais de quarentena até se chegar a políticas de cooperação internacional por meio de ações conjuntas em termos de erradicação por parte de Estados Nacionais e organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) ou organizações não governamentais como a Cruz Vermelha e Médicos Sem Fronteira.

A despeito dos significativos avanços tecnológicos que propiciaram o surgimento de novos remédios e vacinas no século XX, diminuindo significativamente a difusão e a mortalidade de determinadas doenças, em um contexto internacional de rápida circulação humana, o risco latente de uma nova pandemia mundial associada a doenças infecciosas emergentes ou reemergentes, ou mesmo associada a ataques bioterroristas se torna uma preocupação da atual agenda de securitização da saúde.

Esta securitização de uma agenda global de saúde tem se institucionalizado crescentemente em um mundo cada vez mais interdependente que reverbera crescentes sensibilidades e vulnerabilidades biológicas, tanto, por meio de atores políticos que negociam a partir da consolidação da Organização Mundial de Saúde (OMS), fundada como epicentro de um sistema de governança da saúde, quanto, por meio do desenvolvimento econômico de um Complexo Industrial de Segurança Somática após a II Guerra Mundial (HESTER; WILLIAMS, 2020).

No início do ano de 2020, a rápida difusão internacional do novo coronavírus (2019 n-CoV) em menos de 1 mês, tendo como epicentro de propulsão da pandemia, a China², com uma centena de mortos e milhares de doentes, e mais de 20 países afetados, fez com que a OMS declarasse situação de

² Com a finalidade de conter a difusão do novo coronavírus em seu território nacional ou no exterior, a China declarou quarentena a mais de 26 milhões de pessoas, isolando dez cidades da província de Hubei, o surto epidêmico começou em meados de dezembro (MELLIS, 2020), tornando-se assim a situação de controle epidemiológico na maior quarentena populacional da história da humanidade.



emergência de saúde internacional, buscando engendrar diplomaticamente uma ação coordenada de impedimento ao fenômeno espontâneo e paradiplomática de propagação do vírus, bem como o combate à doença pelos Estados Nacionais.

A rápida construção desta agenda de securitização do novo coronavírus por parte da OMS não acontece por acaso, mas antes reflete a gravidade desta epidemia em estágio inicial de difusão internacional e o *expertise* institucional prévio na contenção de outras epidemias (OLIVEIRA, 2020), quando também declarou previamente emergência de saúde pública de interesse global nos casos do Ebola (2018 e 2016), zika vírus (2016), poliomielite (2014) e gripe suína, H1N1 (2009).

Com o coronavírus, a OMS declara pela 6ª vez estado de emergência internacional, sendo esta decisão um sistema rápido de resposta a epidemias internacionais desenvolvido em 2009 para a uma macrocoordenação internacional que busque conter eventual emergência pandêmica, resultado de uma trajetória de aprendizado institucional com os problemas derivados de epidemias que surgiram no início do século XXI como gripe aviária, síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS) e síndrome respiratória aguda grave (SARS).

A preocupação da OMS declarar tão rapidamente estado de emergência de segurança pública global acontece justamente por não estar ainda clara a magnitude de risco da epidemia de coronavirus se espalhar para o país com a maior população no mundo e eventualmente se tornar em uma pandemia internacional, razão pela qual busca construir uma “cooperação funcional para o desenvolvimento da saúde pública internacional” (SENHORAS; SOUSA, 2013), que se trata de um esforço conjunto de compartilhamento de informações e de ações estatais para barrar a difusão do contágio.

Embora a escala de letalidade do coronavirus seja relativamente baixa, a escala de difusão é elevada, repercutindo em uma rápida difusão dentro da China e mesmo no exterior. As repercussões de curto prazo já acontecem por meio de uma crescente autarquização das relações internacionais dos países em relação à China, com contenção dos fluxos humanos e corte de voos comerciais. Por sua vez, os impactos de médio e longo prazo potencializam um aumento da desaceleração econômica na China e repercussão negativa no crescimento mundial, reforçando as tendências internacionais de aumento do neoprotecionismo e do xenofobismo.

Conclui-se com base nestas discussões que epidemias fazem parte da realidade de um mundo cada vez mais globalizado, gerando uma série de sensibilidades e vulnerabilidades biológicas aos Estados Nacionais que eventualmente podem muito rapidamente se tornar em pandemias internacionais, razão pela qual a conformação de agendas de cooperação internacional, transparência comunicacional e de respostas compartilhadas se tornam pilstras essenciais para o sucesso do sistema de governança da saúde pública global, minimizando assim riscos epidemiológicos e consequências socioeconômicas.



REFERÊNCIAS

ALFANI, G; MURPHY, T. E. “Plague and Lethal Epidemics in the Pre-Industrial World”. **The Journal of Economic History**, vol. 77, n. 1, March, 2017.

HESTER, R. J.; WILLIAMS, O. D. “The somatic-security industrial complex: theorizing the political economy of informationalized biology”. **Review of International Political Economy**, vol. 27, n. 1, 2020.

MACE, R. “Evolutionary ecology of human life history”. **Animal Behaviour**, vol. 59, n. 1, 2000.

MELLIS, F. “China vive a maior quarentena da história recente do planeta”. **Portal Eletrônico R7** [25/01/2020]. Disponível em: <www.noticias.r7.com>. Acesso em 31/01/2020.

OLIVEIRA, M. “Do Zika ao Ebola: OMS declarou emergência 5 vezes antes do coronavírus”. **Portal Eletrônico UOL** [31/01/2020]. Disponível em: <www.noticias.uol.com.br>. Acesso em 31/01/2020.

SENHORAS, E. M.; SOUSA, Y. N. “Cooperação funcional para o desenvolvimento da saúde e os entraves para a diplomacia médica no Brasil”. **Boletim Mundorama**, vol. 70, 2013.

TOFLER, A. **Future Shock: The Third Wave**. New York: Bantam Books, 1981.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 1 | Nº 1 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima